

AIRAN DOS SANTOS BORGES  
RAQUEL DE MORAIS SOUTELO GOMES  
*(Organizadoras)*

# ESCRITO PARA A ETERNIDADE

*A Epigrafia e os Estudos da Antiguidade*

*Appris*  
Editora

Airan dos Santos Borges  
Raquel de Moraes Soutelo Gomes  
Organizadoras

## **ESCRITO PARA A ETERNIDADE**

A Epigrafia e os Estudos da Antiguidade

*Appris*  
Editora

Curitiba - PR  
2018

Catálogo na Fonte  
Elaborado por: Josefina A. S. Guedes  
Bibliotecária CRB 9/870

---

E748 Escrito para a eternidade: a epigrafia e os estudos da antiguidade / Raquel de  
2018 Morais Soutelo Gomes, Airan dos Santos Borges (Organizadoras). - 1. ed. -  
Curitiba: Appris, 2018.  
301 p. ; 23 cm.

Inclui bibliografias  
ISBN 978-85-473-0533-8

1. Epígrafes – História. 2. História universal. I. Borges, Airan dos Santos, org.  
II. Gomes, Raquel de Morais Soutelo, org. III. Título.

CDD 23. ed. – 909

---

Livro de acordo com a normalização técnica da Chicago 16th edition.

Editora e Livraria Appris Ltda.  
Av. Manoel Ribas, 2265 – Mercês  
Curitiba/PR – CEP: 80810-002  
Tel: (41) 3156 - 4731  
<http://www.editoraappris.com.br/>

*Appris*  
Editora

Editora Appris Ltda.  
1ª Edição - Copyright© 2018 dos autores  
Direitos de Edição Reservados à Editora Appris Ltda.

Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.  
Se incorreções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores.  
Foi feito o Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional, de acordo com as Leis nºs 10.994, de 14/12/2004 e 12.192, de 14/01/2010.

---

## FICHA TÉCNICA

EDITORIAL	Augusto V. de A. Coelho Marli Caetano Sara C. de Andrade Coelho
COMITÊ EDITORIAL	Andréa Barbosa Gouveia - USP Edmeire C. Pereira - UFPR Iraneide da Silva - UFC Jacques de Lima Ferreira - PUCPR Marilda Aparecida Behrens - UFPR
EDITORAÇÃO	Giuliano Ferraz
ASSESSORIA EDITORIAL	Bruna Fernanda Martins
DIAGRAMAÇÃO	Isabelle Natal
CAPA	Tarliny da Silva
REVISÃO	André Luiz Cavanha
GERÊNCIA COMERCIAL	Eliane de Andrade
GERÊNCIA DE FINANÇAS	Selma Maria Fernandes do Valle
GERÊNCIA ADMINISTRATIVA	Diogo Barros
COMUNICAÇÃO	Carlos Eduardo Pereira   Igor do Nascimento Souza
LIVRARIAS E EVENTOS	Milene Salles   Estevão Misael

---

## COMITÊ CIENTÍFICO DA COLEÇÃO LINGUAGEM E LITERATURA

**DIREÇÃO CIENTÍFICA** Maria Aparecida Barbosa (USP)

Erineu Foerste (UFES)

CONSULTORES	Alessandra Paola Caramori (UFBA)	Leda Cecília Szabo (Univ. Metodista)
	Alice Maria Ferreira de Araújo (UnB)	Letícia Queiroz de Carvalho (IFES)
	Célia Maria Barbosa da Silva (UnP)	Lidia Almeida Barros (UNESP- Rio Preto)
	Cleo A. Altenhofen (UFRGS)	Maria Margarida de Andrade (UMACK)
	Darcília Marindir Pinto Simões (UERJ)	Maria Luisa Ortiz Alvares (UnB)
	Edenize Ponzo Peres (UFES)	Maria do Socorro Silva de Aragão (UFPB)
	Eliana Meneses de Melo (UBC/UMC)	Maria de Fátima Mesquita Batista (UFPB)
	Gerda Margit Schütz-Foerste (UFES)	Maurizio Babini (UNESP- Rio Preto)
	Guiomar Fanganiello Calçada (USP)	Mônica Maria Guimarães Savedra (UFF)
	Ieda Maria Alves (USP)	Nelly Carvalho (UFPE)
	Ismael Tressmann (Povo Tradicional Pomerano)	Rainer Enrique Hamel (Universidad do México)
	Joachim Born (Universidade de Giessen/ Alemanha)	



## **Historiador**

*Veio para ressuscitar o tempo  
e escaldar os mortos,  
as condecorações, as liturgias, as espadas,  
o espectro das fazendas submergidas,  
o muro de pedra entre membros da família,  
o ardido queixume das solteironas,  
os negócios de trapaça, as ilusões jamais confirmadas  
nem desfeitas.*

*Veio para contar  
o que não faz jus a ser glorificado  
e se deposita, grânulo,  
no poço vazio da memória.  
É importuno,  
sabe-se importuno e insiste,  
rancoroso, fiel.*

## APRESENTAÇÃO

*Escrito para a Eternidade: A Epigrafia e os Estudos da Antiguidade* é uma coletânea de artigos que têm como tema a utilização dos monumentos epigráficos para a construção dos estudos históricos. Os capítulos que compõem o presente volume oferecem ao público trabalhos de onze pesquisadores brasileiros e portugueses que se dedicam ao estudo da Antiguidade em diferentes espaços e temporalidades, e que se destacam nas áreas de Epigrafia, Arqueologia e História. Os enfoques escolhidos pelos autores colocam em perspectiva profusas e diferentes abordagens investigativas, sobretudo pela sutileza das interpretações advindas do encontro entre os estudos históricos e a análise epigráfica.

Os leitores têm em mãos uma reunião de estudos que colocam em evidência a riqueza da intercessão entre essas ciências. Tais trabalhos apresentam, fundamentalmente, os caminhos e possibilidades que os estudos epigráficos viabilizam para as pesquisas a respeito de incontáveis temas da Antiguidade. Observa-se, portanto, uma tarefa ousada dada a amplitude do tema e sua importância na historiografia clássica. Cientes disso, as organizadoras não têm a pretensão de transcrever o longo trajeto de ambas as disciplinas, mas sim mapear as intercessões de seus percursos, seus possíveis diálogos e publicizar a fertilidade desses encontros para o estudo da História Antiga.

A abrir os debates está o capítulo do Prof. Dr. José d'Encarnação intitulado *Os Estudos Epigráficos Em Portugal*, no qual apresenta um estudo panorâmico e atualizado sobre as investigações mais recentes em Epigrafia em Portugal, além de enriquecer-nos com o estudo de uma epígrafe recém-publicada no *Ficheiro Epigráfico*.

Na sequência, o Prof. Dr. Luis Eduardo Lobianco em seu capítulo *Epigrafia, Papirologia e Iconografia Grega, Latina e Faraônica como Testemunhas do Antigo Oriente Próximo para a Eternidade*, utiliza uma pluralidade de fontes – dentre elas as epigráficas – para a construção da história do Antigo Oriente Próximo, provenientes do Egito Ptolomaico e Romano e da Judeia Romana.



Já a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Renata Senna Garraffoni e o Me. Alexandre Cozer, na terceira contribuição a esta obra, discutem as contribuições da ciência epigráfica para a criação de novas metodologias para o estudo da poesia e lírica do início do Principado Romano. Para tanto, escolhem como objeto de análise os *grafitti*, um dos tipos de inscrições ainda pouco trabalhados no campo da Epigrafia.

O Prof. Me. Carlos Eduardo da Costa Campos, em seu capítulo, nos transporta para a cidade de Sagunto, na *Hispania Citerior Tarraconensis*, em uma temporalidade específica: o período referente aos séculos I a.C. – I d. C. Definindo-a como uma cidade provincial com fortes marcas da administração e da presença romana na região, Campos dedica-se ao estudo da documentação epigráfica com a proposta de levantar novas possibilidades de leituras sobre a dinâmica política local.

Os Profs. Drs. Gilvan Ventura da Silva e Érica Cristhyane Moraes da Silva, por sua vez, propõem um estudo sobre a construção da paisagem urbana do Império Romano durante a Antiguidade Tardia, a saber, entre os séculos IV e V d.C. No texto intitulado *Evergetismo e a Vida Urbana em Antioquia: Considerações à luz da Epigrafia (séc. IV-V)*, os autores confrontam as interpretações que observam a transição para o medievo como um período de declínio ou ruína e propõem um olhar renovador no estudo das inscrições tardo-antigas ao buscar outros elementos para problematizar e compreender a prática do evergetismo, bem como sobre as instituições cívicas, as atividades cotidianas e o ritmo de vida na *polis*.

Avançando na temática da práxis cotidiana, os Prof. Drs. Luciane Munhoz de Omena e Pedro Paulo de Abreu Funari, no capítulo *O Fio da Memória: O Condutor dos Mortos nos Parentalia*, apresentam um estudo sobre as relações de afetividade e de *pietas* familiar a partir da celebração dos *Parentalia*. Para tanto, destacam a estela funerária dedicada à *Vrsilia Ingenua*, encontrada na *Via Manzoni-Giardino*, em Milão, datável entre os séculos II e III d. C.

Já a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Airan dos Santos Borges em sua contribuição denominada *As Formas de Integração, as Redes de Comunicação e Promoção Política das Elites Provinciais Lusitanas no Alto Império*, apresenta as potencialidades da epigrafia jurídica para o estudo das elites provinciais lusitanas ao longo do Alto Império Romano.



O estudo de inscrições poéticas volta à cena com o capítulo dos Profs. Drs. Maricé Martins Magalhães e Álvaro Alfredo Bragança Júnior. No capítulo intitulado *A Inscrição do Poeta Lucceius Conservada em Stabiae: As Fabulae Atellanae e o Exodium Atellanicum*, esses autores apresentam um rico estudo dividido em duas partes. A primeira, assinada por Magalhães, intitula-se *A inscrição do Poeta Lucceius e o Centro Samnítico-Romano de Atella* e é dedicada à inscrição deste artista e suas relações com o centro mencionado. A segunda seção, *A Fabula Atellanae o Exodium Atellanicum*, de Bragança Junior, realiza uma breve conceptualização do gênero da fabula *atellana* e apresenta um estudo de caso centrado nos dados biobibliográficos de *Lucius Pomponius*.

Nosso percurso histórico-epigráfico chega à cidade de Roma pelas mãos da Prof.<sup>a</sup> Me. Débora Casanova da Silva, com o capítulo *Magistri Vici: A Autopromoção dos Vicomagistri nos Bairros de Roma sob o Principado de Augusto*. O século I a.C. é o período analítico escolhido para o estudo, especificamente durante o período das mudanças físicas da cidade de Roma, entre os anos 12 e 7, executadas por Augusto e seu cunhado Agripa (*Marcus Vipsanius Agrippa*), com a ajuda de outros colaboradores. O objetivo geral de Casanova consiste em analisar a inclusão da plebe nos rituais oficiais da cidade de Roma a partir da nova função que adquirem no Festival das *Compitalia*, resgatados e ressignificados no governo de Augusto (*Gaius Iulius Caesar Octavianus Augustus*).

Enriquecendo o volume, a Prof.<sup>a</sup> Me. Raquel de Moraes Soutelo Gomes nos apresenta o capítulo *O Culto ao Marte Romano-Indígena no Ocidente Brácaro: A Epigrafia no Auxílio dos Estudos dos Contatos Religiosos em Período Romano*. Nele, a autora apresenta algumas características do culto a um possível Marte romano-indígena verificado nas inscrições votivas encontradas na faixa atlântica do *Conuentus Bracaraugustanus*, localizado no Noroeste da Península Ibérica, comparando as informações advindas destas com aquelas de manifestações religiosas ao Marte romano, a fim de individualizar cada deidade.

Por fim, o capítulo do Prof. Dr. Armando Redentor, intitulado *Nótula sobre Representações Zoomórficas nas Estelas Funerárias Romanas Transmontano-Zamoranas*, conclui, com maestria, a presente obra. Em seu estudo, o autor traz à baila as representações zoomórficas apresen-



tando-as como um aspecto peculiar sobre a epigrafia funerária romana de Trás-os-Montes Oriental e da Zamora Ocidental.

Esses capítulos mostram, portanto, os profícuos diálogos que podem surgir ao analisarmos em conjunto as fontes epigráficas, históricas, literárias e arqueológicas para a produção de conhecimento sobre a Antiguidade. E, como o seu homônimo, *Escrito para a Eternidade: A Literatura no Egito Antigo* de Emanuel Araújo, apresentar também um conjunto de fontes e textos da Antiguidade por vezes pouco conhecidos do público brasileiro e internacional.

# PREFÁCIO<sup>1</sup>

Claudia Beltrão da Rosa  
*Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*

A Epigrafia nos fornece uma ampla gama de tipos distintos de textos escritos em diversos suportes materiais: textos gravados em pedra ou metal, em pinturas, relevos, vidros, mosaicos, ou textos escritos em outras superfícies, como paredes de edifícios públicos ou privados, túmulos, enfim, uma grande variedade de inscrições traçadas em algum suporte durável.<sup>2</sup> Os achados arqueológicos naturalmente determinam nosso conhecimento sobre esses diferentes tipos de escrita no passado, mas a pesquisa antiquista vem revelando o mundo antigo, especialmente no chamado período imperial romano, como um mundo no qual a elaboração e a disposição pública de textos os mais diversos era uma prática rotineira, seja no âmbito institucional, no religioso, ou na cotidianeidade. De certo modo, as inscrições podem ser vistas como um fenômeno de massa no mundo antigo, e isso se aplica não somente às regiões de língua grega e latina, mas também a outros idiomas que compuseram a tradição epigráfica do Império romano, como o púnico, o siríaco, o hebraico, o aramaico ou o demótico. As inscrições de diversos tipos existem em tal quantidade que, mesmo no que tange às inscrições latinas e gregas, é impossível fornecer números precisos. E, se levarmos em consideração que a maior parte das inscrições imperiais romanas foi feita em madeira e bronze, percebemos com clareza que a maior parte das inscrições antigas não chegou até nós.<sup>3</sup>

Este livro, cujo tema central é a relação entre monumentos epigráficos e a construção do conhecimento histórico, traz onze contribuições de pesquisadores brasileiros e portugueses que permitem ao leitor

<sup>1</sup>O presente livro foi todo formatado com base nas normas técnicas da Chicago 16th edition.

<sup>2</sup>Ver, e.g. John Bodel. *Epigraphic Evidence: Ancient History from Inscriptions*. London: Routledge, 2001, 2-5.

<sup>3</sup>cf. W. Eck. "Documents on Bronze: A Phenomenon of the Roman West?" In *Ancient Documents and their Contexts*, editado por J. Bodel e N. Dimitrova. Leiden: Brill, 2011, 127-51.



compreender tanto o potencial quanto as limitações das inscrições como fonte material e textual para o estudo da história, considerando a diversidade da cultura epigráfica no mundo romano e o material que chegou até nós. Para uma boa compreensão da cultura epigráfica, é importante reconhecer a plasticidade da escrita que foi preservada e seus diversos suportes – notando que o tipo de suporte utilizado para um texto nem sempre depende da intenção de seu autor, mas simplesmente do próprio material à disposição, e que o pesquisador precisa conhecer não apenas o texto, sua função e seu suporte, os métodos de escrita e o contexto arqueológico, o que requer um bom esforço de comparação não apenas entre diferentes inscrições e de objetos do registro arqueológico, mas também um sólido conhecimento de outras formas e estilos de escrita da época e do lugar estudados, e as variações derivadas por mudanças culturais, sociais ou políticas.

Mais ainda, é necessário ter sensibilidade para escapar aos limites impostos pelas tradicionais categorizações do conhecimento epigráfico que estudamos nos manuais de epigrafia latina, que dividem a análise das inscrições em sagradas, sepulcrais, honoríficas, públicas, legais, sacerdotais/colegiais, *fasti*, *instrumentum domesticum*, inscrições parietais etc.<sup>4</sup> Tais divisões, se têm uma justificativa didática no uso da epigrafia na pesquisa de diferentes temas históricos, talvez não reflitam adequadamente, ou nem sempre refletem, as motivações que levaram as pessoas da antiguidade a criar inscrições de natureza variada. Um exemplo é uma inscrição em base de estátua de um ser humano que, se pode ser categorizada como “honorífica” em seu propósito, a classificação tradicional é desafiada quando se observa quem a patrocinou (uma municipalidade, um colégio, um liberto, um parente etc.), ou se a estátua foi feita para ser disposta em um lugar público – e que tipo de lugar público... –, ou em uma casa, ou um túmulo.<sup>5</sup> Inscrições permitem conhecer imagens de um indivíduo, de uma ocupação, de um grupo social, de rituais, de cerimônias etc. Sem uma boa base metodológica e como muitas vezes apenas a inscrição chegou até nós, corre-se o risco de tomá-la como a

<sup>4</sup> Ver esp. I. Calabi Limentani. *Epigrafia latina*. Milano: Editoriale Cisalpino, 1968, 325-8.

<sup>5</sup> cf. Eck, W. “Epigrafi e costruzioni sepolcrali nella necropoli sotto S. Pietro: a proposito del valore di messaggio delle iscrizioni funebri nel contesto dei complessi sepolcrali”. In *Tra epigrafia, prosopografia e archeologia*. Roma: Quasar, 1996, 251-69.



própria "honra", esquecendo que o texto na base é geralmente apenas o texto explicativo que acompanha a honra propriamente dita, a estátua. Em suma, as inscrições realizavam um amplo espectro de funções que devem ser levadas em conta na pesquisa.

Uma das maiores contribuições dos estudos epigráficos, inegavelmente, é a ampliação do uso das inscrições como documentos históricos, e avanços significativos foram feitos nas últimas décadas quando se passou a insistir que, mais do que textos "objetivos", são também "subjetivos" e "seletivos". Esta coletânea reúne estudos inéditos de "monumentos" epigráficos, e esse destaque liga-se ao que pode ser chamado "memorialização", seja de cidades, governos, grupos particulares ou de um único indivíduo.<sup>6</sup> Como os capítulos mostram, a inscrição é, de um modo ou de outro, monumento. A comemoração é um aspecto importante da inscrição, e essa função podia ser intensificada (por leituras públicas, rituais etc.). Com isso, amplia-se para nós a noção da inscrição ao permitir que pensemos em sua subjetividade. A questão da autoria é particularmente relevante aqui, pois longe de oferecer relatos objetivos, a inscrição revela como indivíduos e grupos humanos queriam ser lembrados.<sup>7</sup>

Ao estudarem os contextos cultural, político, religioso e social das inscrições, as contribuições aqui presentes também mostram o quanto é importante observar como elas eram recebidas e percebidas. Se muitas ou poucas pessoas podiam ler, de fato, as inscrições eram frequentemente apresentadas junto com imagens e/ou em contextos espaciais precisos. Assim, mesmo que em certas regiões poucas pessoas realmente pudessem ler uma inscrição monumental em latim, independente de saberem ler ou não, essa não passaria despercebida.<sup>8</sup> O estudo da localização das inscrições nos espaços públicos e dos conjuntos visuais-arquitetônicos que ajudavam a compor, uma conquista relativamente recente nos estudos

<sup>6</sup> Dois excelentes estudos sobre este tema são: C. Kokkinia. "The role of individuals in inscribing Roman state documents: governors' letters and edicts". In *Selbstdarstellung und Kommunikation: die Veröffentlichung staatlicher Urkunden auf Stein und Bronze in der römischen Welt*, editado por R. Haensch. München: Beck, 2009, 191-206; e, J.-L. Ferrary. "La gravure de documents publics de la Rome républicaine et ses motivations", In *Ibid.*, 59-74.

<sup>7</sup> Em um estudo detalhado as inscrições do túmulo dos *Plautii*, Mary Beard demonstrou como diferentes membros de uma mesma família manipularam o registro epigráfico para incrementar a impressão de suas carreiras públicas: Mary Beard. "Vita inscripta". In *La biographie antique*, editado por W. W. Ehlers, Geneva: Fondation Hardt Entretiens 44, 1998, 83-118.

<sup>8</sup> Ver, sobre o tema: A. K. Bowman. "Literacy in the Roman Empire: mass and mode". In *Literacy in the Roman World*. JRA Supp. 3, 1991, 119-31.



epigráficos, fizeram com que se compreendesse que, mesmo sem conseguir efetivamente ler uma inscrição, as populações imperiais não ficavam imunes a ela, e a ela respondiam, inclusive fazendo que caísse na obscuridade ou fosse, mesmo, destruída.<sup>9</sup> Além do seu material, a aparência geral de uma inscrição era cuidadosamente escolhida e calculada, incluindo o design e a linguagem do texto.<sup>10</sup> Por exemplo, a tradução grega das *Res Gestae* de Augusto difere significativamente da inscrição latina, explicando e simplificando termos técnicos latinos, incluindo dados topográficos da cidade de Roma e modificando o “tom imperialista” da inscrição latina para seu público provincial na Galácia.<sup>11</sup>

Personagens literárias muitas vezes fornecem ricas impressões sobre a vida dos grupos humanos no passado, e uma personagem em especial pode nos dar uma vívida ideia do envolvimento potencial dos antigos com suas inscrições. Trata-se do mais famoso *nouveau riche* da literatura, o Trimalchio do *Satyricon* (Petron. *Sat.* 71). O riquíssimo liberto não apenas dita, palavra por palavra, o texto que quer ter em seu epitáfio, mas também especifica em detalhes os relevos esculpidos que deveriam decorar seu túmulo. É possível que parte do humor da passagem seja derivada do excesso de zelo e o controle de design e estilo demonstrado pela personagem em relação ao seu túmulo, mas é também possível que fosse o excesso de imagens – uma cena de banquete público, navios carregados com suas velas abertas, a imagem de Fortunata segurando uma pomba, um escravo chorando sobre um jarro de vinho quebrado –, o que divertia o público romano. É de se notar que o texto de seu epitáfio mescla fórmulas usuais de epitáfios com outras frases menos usuais, compondo uma inscrição muito extravagante, para o deleite da plateia.<sup>12</sup>

<sup>9</sup> Para um aprofundamento deste tema cf. esp. J. C. Barrett. *Chronologies of remembrance: the interpretation of some Roman inscriptions*. *WorldArch* 25.2, 1993, 236-47; I. Kopytoff, *The cultural biography of things: commodization as process*. In *The Social Life of Things: Commodities in Cultural Perspective*, editado por A. Appadurai. Cambridge University Press, 1986, 64-91; J. Edmondson. “*Instrumenta imperii: law and imperialism in Republican Rome*”. In *Law, Politics and Society in the Ancient Mediterranean World*, editado por R. Halpern; D. Hobson. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993, 156-92.

<sup>10</sup> Ver, e.g., o estudo seminal de M. Corbier. “*L’écriture dans l’espace public romain*”. In *L’urbs, espace urbain et histoire*. Rome: Pub. de L’École française de Rome, 1987, 27-60.

<sup>11</sup> cf. A. E. Cooley. *Res Gestae Divi Augusti: Text, Translation, and Commentary*. Cambridge University Press, 2009, esp. 26-30.

<sup>12</sup> cf. V. M. Hope. *At home with the dead: Roman funeral traditions and Trimalchio’s tomb*. In *Petronius: a Handbook*, editado por J. Prag e I. Repath. Chichester: Wiley-Blackwell, 2009, 140-60.

Obviamente, nem todas as pessoas podiam cuidar com tanto esmero de seus túmulos, e é bem conhecida a produção "em massa" de objetos funerários romanos, mas a cena literária permite imaginar que as inscrições eram parte integrante da vida das pessoas, seja nos espaços públicos, seja nos ambientes privados no chamado período imperial romano. E a ascensão do cristianismo, ainda que elementos tradicionais das inscrições clássicas persistissem, levou ao desenvolvimento de uma nova cultura epigráfica, adotando novas fórmulas linguísticas que refletiam valores cristãos, e alterando padrões onomásticos e figurativos de modo a refletir símbolos exclusivos de grupos cristãos.

Se em Portugal a epigrafia é uma ciência e um conhecimento muito bem consolidados, com obras que são referências internacionais, são ainda recentes as pesquisas que lidam com inscrições no Brasil, mas o interesse é crescente e com produção de alta qualidade. De fato, o interesse pelas inscrições no Brasil certamente é fruto da consolidação dos estudos da antiguidade, mas é também um sintoma da ampliação e do amadurecimento geral da pesquisa em ciências humanas em nosso meio acadêmico e, sobretudo, das novas questões que colocamos a nós mesmos e ao passado. Este livro é, portanto, muito bem-vindo, oferecendo estudos inéditos em língua portuguesa que interessarão aos antiquistas em particular e aos interessados nos estudos de Humanidades em geral.



# SUMÁRIO

## **OS ESTUDOS EPIGRÁFICOS EM PORTUGAL .....19**

*José d'Encarnação (Universidade de Coimbra)*

## **EPIGRAFIA, PAPIROLOGIA E ICONOGRAFIA GREGA, LATINA E FARAÔNICA COMO TESTEMUNHAS DO ANTIGO ORIENTE PRÓXIMO PARA A ETERNIDADE .....43**

*Luis Eduardo Lobianco (Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro)*

## **ESPAÇOS DA ESCRITA: UM DIÁLOGO ENTRE A POESIA ROMANA E AS INSCRIÇÕES URBANAS NO INÍCIO DO PRINCIPADO .....67**

*Renata Senna Garraffoni (Universidade Federal do Paraná)*

*Alexandre Cozer (Universidade Federal do Paraná)*

## **O ESTATUTO MUNICIPAL DE SAGUNTO E A INSERÇÃO DE SEUS MUNICIPES NA DINÂMICA ROMANA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE OS SÉCULOS I A.C. – I D.C. ....85**

*Carlos Eduardo da Costa Campos (Universidade do Estado do Rio de Janeiro)*

## **EVERGETISMO E A VIDA URBANA EM ANTIOQUIA: CONSIDERAÇÕES À LUZ DA EPIGRAFIA (SÉC. IV-V) ..... 111**

*Gilvan Ventura da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)*

*Érica Cristhyane Morais da Silva (Universidade Federal do Espírito Santo)*

## **O FIO DA MEMÓRIA: O CONDUTOR DOS MORTOS NOS PARENTALIA ..... 137**

*Luciane Munhoz de Omena (Universidade Federal de Goiás)*

*Pedro Paulo A. Funari (Universidade Estadual de Campinas)*

**AS FORMAS DE INTEGRAÇÃO, AS REDES DE COMUNICAÇÃO  
E PROMOÇÃO POLÍTICA DAS ELITES PROVINCIAIS LUSITANAS  
NO ALTO IMPÉRIO ..... 161**

*Airan dos Santos Borges (Universidade Federal do Rio Grande do Norte)*

**A INSCRIÇÃO DO POETA LUCCEIUS CONSERVADA EM STABIAE:  
AS FABULAE ATELLANAE E O EXODIUM ATELLANICUM ..... 197**

*Maricé Martins Magalhães (Centro di Studi e Ricerche Bartolomeo Capasso Sorrento)*

*Álvaro Alfredo Bragança Júnior (Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

**MAGISTRI VICI:**

**A AUTOPROMOÇÃO DOS VICOMAGISTRI NOS BAIRROS DE  
ROMA SOB O PRINCIPADO DE AUGUSTO ..... 223**

*Debora Casanova da Silva (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro)*

**O CULTO AO MARTE ROMANO-INDÍGENA NO OCIDENTE BRÁCARO:  
A EPIGRAFIA NO AUXÍLIO DOS ESTUDOS DOS CONTATOS  
RELIGIOSOS EM PERÍODO ROMANO ..... 247**

*Raquel de Moraes Soutelo Gomes (Universidade do Minho)*

**NÓTULA SOBRE REPRESENTAÇÕES ZOOMÓRFICAS NAS ESTELAS  
FUNERÁRIAS ROMANAS TRANSMONTANO-ZAMORANAS ..... 279**

*Armando Redentor (Universidade de Coimbra)*

**SOBRE OS AUTORES ..... 297**



# OS ESTUDOS EPIGRÁFICOS EM PORTUGAL

*José d'Encarnação (Universidade de Coimbra)*

## Introdução

Pode dizer-se que se encontra praticamente feita a história da ciência epigráfica em Portugal, na medida em que várias têm sido as publicações que a abordam.

Pouco a pouco, aliás, se colmatam lacunas, se levantam questões e assim se vai avançando. Ainda recentemente (18 de julho de 2016) Pedro Correia Marques defendia, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a tese *A Epigrafia da Hispania na Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos*, que veio trazer nova luz acerca desses finais do século XIX e do modo como se encaravam então os monumentos, amiúde mais numa tónica filológica e linguística, que a histórico-arqueológica que hoje preconizamos.

Recomeçam, designadamente, as reflexões sobre as referências que os historiadores dos séculos XVII, XVIII e, até, XIX faziam acerca de inscrições que aduziam a comprovar as histórias assaz mirabolantes que contavam. André de Resende (1500? – 1573), Frei Bernardo de Brito (1569-1617) ou Luís Marinho de Azevedo (†1652) terão sido voluntariamente falsários, deram abrigo a falsidades ou era essa a mentalidade da época e poderão, porventura, ter-se servido de textos concretos, autênticos, copiando-os na totalidade ou adaptando-os à sua maneira?

Enfim, há toda uma panóplia de questões para que já se encontrou explicação, que acarretou, por seu turno, outras reflexões e outros modos de encarar o ambiente histórico-geográfico em que determinada epígrafe «nasceu».

Perante este panorama, tomei a liberdade de optar pela seguinte metodologia, não isenta, naturalmente, objecções:

– Numa primeira parte, retomei, em traços largos, essa história, situando-me, de modo especial, nos anos mais próximos.

– Na segunda parte, quase em jeito de anexo, reuni bibliografia seleccionada, apresentando-a não – como é hábito – por ordem alfabética do apelido dos autores, mas sim **por ordem cronológica**, para que se fique com uma ideia mais exacta da evolução verificada.<sup>1</sup> Para essa segunda parte vou, por conseguinte, remeter **implicitamente** na primeira, porque nela serão indicados os textos previamente citados; essa opção permitirá aligeirar o discurso, uma vez que se trata de referências bibliográficas de fácil identificação.

– Reproduzo, na terceira parte, o estudo de uma epígrafe publicada há poucos meses no *Ficheiro Epigráfico* e comento, de seguida, os seus aspectos mais relevantes.

## Para uma história da Epigrafia em Portugal

Ciência que procura decifrar e interpretar os textos gravados em materiais duradouros, para, contextualizando-os, os utilizar como fonte histórica, a Epigrafia conheceu, desde o Humanismo e o tempo das Academias, mui importantes *cultores* entre nós, porque, apresentando a epígrafe textos sintéticos e, por esse motivo, pensados e entremeados de siglas e abreviaturas, despertavam essas «pedras com letras» uma curiosidade imensa: que enigmática mensagem aqui se ocultará? Na verdade, como muito bem sugeriu Giancarlo Susini<sup>2</sup>, a Epigrafia é o estudo da forma como, em determinado momento, o Homem seleccionou ideias para, por escrito, as transmitir aos vindouros!...

Epígrafes houve-as, pois, em todos os tempos; foi, porém, sem dúvida, a época romana que, nesse domínio, maior atenção despertou, não apenas por serem abundantes as epígrafes desse tempo, mas, sobretudo, porque assim se completava capazmente a história haurida nos livros clássicos, uma história, essa – de Tácito, de Tito Lívio ou Dión Cássio... –, sempre susceptível de ter passado antes pelo crivo de uma censura qualquer.

Será uma academia, a Academia das Ciências de Berlim, que chamará a si a tarefa de reunir num monumental *corpus* – segundo cri-

<sup>1</sup> Perdoar-se-me-á se aludo demasiado a trabalhos meus; é que, na verdade, desde o início da minha actividade como epigrafista (defendi a tese de licenciatura *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal* em Janeiro de 1970...), que tenho procurado escrever sobre este tema.

<sup>2</sup> Giancarlo Susini, *Epigrafia Romana*.



térios comprovadamente científicos – todas as inscrições conhecidas do mundo romano. Os volumes foram organizados geograficamente: do II, referente aos textos da Península Ibérica, ficaria encarregado Emílio Hübner, que visitou Portugal durante o ano de 1861. Viu museus, recolheu ampla bibliografia impressa e manuscrita, relacionou-se com os nossos académicos. Sistematizados os materiais, a Academia publicou, em 1869, o primeiro tomo do *Corpus Inscriptionum Latinarum* II (= *CIL* II); o 2º, de suplemento, viria a lume em 1892; um primeiro volume de «Additamenta» foi publicado em 1896<sup>3</sup>. Hübner faleceu em 1901; no entanto, os materiais que coligira foram apresentados por H. Dessau em novo volume de «Additamenta»<sup>4</sup>.

E é, sem dúvida, a figura de Leite de Vasconcelos (falecido em 1941) que, no campo da Epigrafia, preenche quase por completo a primeira metade do séc. XX, quer como director do seu museu (onde procurou reunir todos os monumentos epigráficos de que foi tendo conhecimento e que teve possibilidade de para aí fazer transportar) quer mediante a publicação regular *d'O Archeologo Portuguez*, cuja publicação prévia em fascículos permitia dar a conhecer rapidamente o que se ia encontrando.

Finda a Segunda Grande Guerra, os estudos epigráficos ganham, necessariamente, novo alento.

Na década de 50, a Epigrafia Romana conhece, em Portugal, um decisivo impulso. Além de se preconizar um regresso à pedra para, com melhores fotografias e decalques, se encontrar a leitura exacta, o avanço dos conhecimentos veio permitir comparações susceptíveis de atribuir a cada monumento uma dimensão histórica maior.

Nesse movimento ocupou lugar de relevo Scarlat Lambrino (1891-1964), professor de Epigrafia na Faculdade de Letras de Lisboa. Lambrino preparou os catálogos do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia e do Museu de Odrinhas e, fundado nas novas leituras, lançou ombros a trabalhos de reflexão e síntese sobre, nomeadamente, divindades, governadores da Lusitânia, povos, aculturação onomástica... Prosseguiu essa tarefa, devotadamente ainda que com menos fôlego, o seu directo colaborador, D. Fernando de Almeida, insigne mestre a cujo entu-

<sup>3</sup>Emílio Hübner, *Ephemeris Epigraphica*, Vol. 8.

<sup>4</sup>Emílio Hübner, *Ephemeris Epigraphica*, Vol. 9.



siasmo e nunca desmentida dedicação devo o estar hoje aqui, a escrever sobre Epigrafia.

Será, todavia, na década de 70 que essa ciência antiga tomará rumos ainda mais inovadores.

O incremento de salutar intercâmbio com os investigadores estrangeiros; a crescente permuta com revistas da especialidade; o interesse manifestado por epigrafistas europeus, designadamente franceses, espanhóis e alemães – em relação aos monumentos do nosso território; a possibilidade de, mediante a reestruturação dos cursos universitários, a Epigrafia passar a ser cadeira anual – são alguns dos factores responsáveis por esses novos rumos.

Veio a lume, em 1976, o tomo II das *Fouilles de Conimbriga*, dedicado precisamente à epigrafia dessa cidade romana. Foram Georges Fabre (da Universidade de Pau) e Robert Étienne (da Universidade de Bordéus III) os grandes mentores dessa nova forma de encarar a epígrafe como monumento, a partir de agora analisado na sua totalidade, integrado num contexto arqueológico, como objecto cultural onde tudo foi pensado: o texto, sintético, intencional, preciso; a decoração; a tipologia; o material... Inclusive os grafitos, até aí totalmente descurados, passaram a ser tidos como eloquente fonte de informação.

Acabara, por outro lado, de se criar, na Faculdade de Letras de Coimbra, a Pré-Especialização em Arqueologia (1974-1975), em cujo currículo a Epigrafia figurava como disciplina anual e obrigatória. Logo os primeiros estudantes foram particularmente dotados e receptivos, de maneira que cedo a revista *Conimbriga* passou a incluir regularmente artigos de Epigrafia. E o aparecimento, em cada vez maior número, de novos documentos, mercê sobretudo do trabalho de campo levado a efeito por esses estudantes universitários e pelos membros das associações de defesa do património – quantas inscrições romanas não estavam à vista de todos, há longos anos, e ninguém as procurava decifrar! – postulou, inclusive, a edição dum suplemento à revista, a que se deu o nome de *Ficheiro Epigráfico*, com a finalidade de inserir, rapidamente, nos circuitos científicos as epígrafes inéditas que se encontrassem. Desde 1982 até julho de 2016, o Ficheiro publicou 139 números, em que se deram a conhecer perto de 600 textos novos – o que dá uma ideia do dinamismo que se logrou imprimir. Aliás, isso mesmo se passava



na Europa, onde, para além do projecto, gizado a partir de dezembro de 1977, de se fazerem novas edições regionais do *CIL*, uma vez que tantos novos testemunhos se iam descobrindo, as universidades criaram projectos de publicações sistemáticas. Assim, a Universidade de Bordéus III, através do Centre Pierre Paris, concebeu, inclusive, um programa informático próprio para apresentar os textos nas edições em papel (com sinais diacríticos específicos) e, sob orientação de Robert Étienne, gizou-se um plano de publicar por núcleos toda a epigrafia peninsular<sup>5</sup>. O plano teve relativo êxito na Catalunha, com a publicação de cinco volumes, e em Lugo<sup>6</sup>; as próprias *IRCP*<sup>7</sup> nele se inseriam, assim o *corpus* de Ávila<sup>8</sup>. Contudo, em Espanha, as *Diputaciones Provinciales* depressa incitaram e apoiaram os especialistas locais a prepararem, eles próprios, os respectivos *corpora* epigráficos provinciais.<sup>9</sup>

Dir-se-á que, nos dois últimos anos da década de 70 e por toda a década de 80 e, ainda, 90, os estudos epigráficos ganharam na Europa um desenvolvimento invulgar, tendo-se deixado definitivamente de parte a ideia de ser a Epigrafia mera «ciência auxiliar» da História. A esse movimento também não terá sido alheio o facto de os congressos da Associação Internacional de Epigrafia Grega e Latina (VII, Constantza, 1977; VIII, Atenas, 1982; IX, Sófia, 1987; X, Nîmes, 1992; XI, Roma, 1997 etc), continuarem a reunir-se regularmente de cinco em cinco anos e com cada vez maior número de participantes, que facilmente estabeleciam laços de camaradagem e procuravam gizar projectos internacionais em comum. Por outro lado, além da «escola de Bordéus», o saudoso Professor Giancarlo Susini, em Bolonha, contribuiu mui eficazmente para essa concepção da epígrafe como «monumento cultural», quer por já ter chamado, há bastante tempo, a atenção para as fases de preparação da epígrafe<sup>10</sup>, quer, de modo especial, por ele próprio ter dado substancial exemplo através das sugestões que deixou no seu manual<sup>11</sup> quer nos inúmeros escritos que nos legou.

<sup>5</sup> Robert Étienne, "Le Centre Pierre Paris (ERA 522) et la Révision des Inscriptions Grecques et Latines de la Péninsule Ibérique": 83-88.

<sup>6</sup> Felipe Arias Vilas, Patrick Le Roux e Alain Tranoy, *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo*.

<sup>7</sup> José d'Encarnação, *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*.

<sup>8</sup> Maria do Rosário Hernando Sobrino, *Epigrafia Romana de Ávila*.

<sup>9</sup> Embora já desactualizada, como é natural, pode ver-se a lista desses corpora na 2ª edição de José d'Encarnação, *Epigrafia: As Pedras que Falam*, 214-219.

<sup>10</sup> Giancarlo Susini, *Il Lapidario Romano: Introduzione all'Epigrafia Latina*.

<sup>11</sup> Giancarlo Susini, *Epigrafia Romana*.



Houve, ainda, domínios específicos que se criaram, precisamente por serem específicas as questões que determinado tipo de epígrafes levantavam. No que respeita a Portugal, é de realçar o significativo papel que teve o estudo das enigmáticas inscrições que, desde o século XVI, se haviam identificado no Sudoeste, com uma escrita por completo desconhecida e para cuja decifração ainda hoje se não encontrou uma... «pedra de Roseta»! Para esse estudo se criou expressamente uma comissão internacional encarregada de organizar periodicamente os Colóquios Internacionais sobre Línguas e Culturas Paleo-Hispânicas. Cito em nota<sup>22</sup> apenas os mais recentes, para se ficar com uma ideia do dinamismo que esse tipo de estudos provocou, nomeadamente se tivermos em conta que as comunicações neles apresentadas têm sido regularmente publicadas: primeiro, pelos serviços editoriais da Universidade de Salamanca; agora, pelo Institución «Fernando el Católico», de Zaragoza.

Esse extraordinário desenvolvimento da disciplina obrigou, de certo modo, à elaboração de manuais – tanto em Portugal como em Espanha e mesmo em França<sup>23</sup> – pois se tornava necessário, para cada país, uniformizar critérios de classificação e de nomenclatura. Nesse aspecto, é com orgulho que refiro ter sido Portugal pioneiro desta nova era com a 1ª edição da *Introdução ao Estudo da Epigrafia* datada de 1979.

Começaram a preparar-se dissertações de mestrado e teses de doutoramento sobre temas epigráficos específicos, movimento que desembocou, pode dizer-se sem medo de errar, na grande exposição *Religiões da Lusitânia – Loquuntur Saxa*, que, inaugurada a 27 de Junho de 2002, deveria ter, no máximo, um ano de apresentação no Museu Nacional de Arqueologia e ainda hoje se considera a exposição principal do Museu. Eloquente, o número de peças aí reunidas, seguramente as mais significativas, vindas de todos os pontos do País; mais eloquente, todavia, o catálogo que, sob orientação científica de José Cardim Ribeiro, se divide em duas partes: numa, os diferentes aspectos dos cultos, das devoções, das divindades são abordados por especialistas nessas respectivas áreas; noutra, o catálogo propriamente dito, em que de cada foi elaborada mui circunstanciada ficha. E se há, naturalmente, peças escultóricas, são, no

<sup>22</sup> O VI Colóquio decorreu em Coimbra (Outubro 1994); o VII em Saragoça (Março 1997); o VIII em Salamanca (Maio 1999); o IX em Barcelona (Outubro 2004); o X em Lisboa (Fevereiro 2009); o XI em Valência (Outubro 2012); o XII, em Giessen, na Alemanha (Abril 2016).

<sup>23</sup> Cf. José d'Encarnação, "Da Epigrafia como Ciência", 144-159.



entanto, as peças epigrafadas as que ocupam o grosso da exposição. Um marco na investigação epigráfica em Portugal.

## Bibliografia seleccionada sobre a temática epigráfica

### Manuais (mais recentes)

- Susini, Giancarlo. *Il Lapidario Romano – Introduzione all'Epigrafia Latina*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1966. (Inserido na recolha de textos do autor *Epigraphica Dilapidata*. Faenza: Fratelli Lega, 1997, 7-69).
- Encarnação, José d'. *Introdução ao Estudo da Epigrafia Latina*. Coimbra: Instituto de Arqueologia, <sup>1</sup>1979, <sup>2</sup>1987, <sup>3</sup>1997, <sup>4</sup>2013. [http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub\\_online/pdfs\\_online/2013\\_Epigrafia](http://www.uc.pt/fluc/iarq/pub_online/pdfs_online/2013_Epigrafia).
- Susini, Giancarlo. *Epigrafia Romana*. Roma: Jouvence, 1982.
- López Barja, Pedro. *Epigrafía Latina: Las Inscripciones Romanas desde los Orígenes al Siglo III d. C.* Santiago de Compostela: Tórculo Edicións, 1993.
- Iglésias Gil, José Manuel e Santos, Juan. *Manual de Epigrafía Latina*. Santander, 2000.
- Corbier, Paul. *Epigrafía Latina*. Traduzido por Maurício Pastor Muñoz. Granada: Universidad de Granada, 2004.
- Donati, Angela. *Epigrafia Romana: La Comunicazione nell'Antichità*. Bologna: Il Mulino, 2004.
- Lassère, Jean-Marie. *Manuel d'Épigraphie Romaine*. Paris: Picard, 2005.
- Cébeillac-Gervasoni, Mireille, Maria Letizia Caldelli e Fausto Zevi. *Épigraphie Latine*. Saint Just La Pendue: Armand Colin, 2006.
- Buonopane, Alfredo. *Manuale di Epigrafia Latina*. Roma: Carocci editore, 2009.
- Andreau Pintado, Javier, ed. *Fundamentos de Epigrafía Latina*. Madrid: Ediciones Liceus, 2009. [http://www.liceus.com/cgi-bin/ediciones\\_portada.asp?opcion=1](http://www.liceus.com/cgi-bin/ediciones_portada.asp?opcion=1)
- Cooley, Allison. *The Cambridge Manual of Latin Epigraphy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

## Teses de doutoramento [α] e dissertações de mestrado [β] em Portugal (por ordem cronológica)

### De investigadores portugueses

- Encarnação, José d'. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Universidade de Coimbra, <sup>1</sup>1984, <sup>2</sup>2013. <http://hdl.handle.net/10316/578> [α]
- Fernandes, Luís. "A Presença da Mulher na Epigrafia do *Conventus Scalabitanus*". *Portugalia* 19-20 (1998-1999): 129-228. [β]
- Repas, Fernanda Cristina de Jesus. "Religião na Beira Interior ao Tempo dos Romanos: Subsídios para o Seu Estudo". Dissertação de Mestrado, Universidade de Coimbra, 2001. [β]
- Redentor, Armando. *Epigrafia Romana da Região de Bragança*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2002. [β]
- Ferreira, Ana Paula Ramos. *Epigrafia Funerária Romana da Beira Interior: Inovação ou Continuidade?*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia, 2004. (Trabalhos de Arqueologia, 34). [β]
- Vaz, João L. Inês. *A Civitas de Viseu: Espaço e Sociedade*. 2 vols. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro, 1997. [α]
- Bernardes, João Pedro. *A Ocupação Romana de Leiria*. Faro: Universidade do Algarve, 2007. [α]
- Sá, Ana Marques de. *Civitas Igaeditanorum: Os Deuses e os Homens*. Idanha-a-nova: Município de Idanha-a-Nova, 2007. [β]
- Redentor, Armando José Mariano. "A Cultura Epigráfica no *Conventus Bracaraugustanus (Pars Occidentalis)*: Percursos pela Sociedade Brácara da Época Romana". Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2012 (em vias de publicação pela Imprensa da Universidade). [α]
- Ferreira, Ana Paula Ramos. "Património e Cidadania: dos Vestígios Arqueológicos à Ação Pedagógica". Tese de Doutoramento, Universidade de Coimbra, 2014 [α].<sup>14</sup>
- Reis, Sara Henriques dos. "Religião e Sociedade no *Municipium Olisiponense*". Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, 2015. [β]

<sup>14</sup> Os monumentos epigráficos são usados como exemplo de educação para o património cultural.



- Marques, Pedro Miguel Correia. "A Epigrafia da Hispania na Correspondência Epistolar entre Emílio Hübner e José Leite de Vasconcelos". Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa, 2016. [α]

## De investigadores estrangeiros, que estagiaram em Portugal para preparação das suas teses

- Oria Segura, Mercedes. *Hércules en Hispania: Una Aproximación*. Barcelona: Departament Filologia Llatina Universitat de Barcelona, 1996.
- Baratta, Giulia. *Il Culto di Mercurio nella Penisola Iberica*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 2001.
- González Herrero, Marta. *La Promoción Social de las Elites del Poder Lusitanorromanas y su Presencia en los Círculos Dirigentes de Roma. Siglos I–III*. Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, 2001.
- Olivares Pedreño, Juan Carlos. *Los Dioses de la Hispania Céltica*. Madrid: Real Academia de la Historia, 2002.
- Andreu Pintado, Javier. *Munificencia Pública en la Provincia Lusitania (Siglos i-iv d.C.)*. Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2004.
- Soutelo, Raquel. "Interação Cultural e *Interpretatio* na Epigrafia Votiva: O Caso da Fachada Ocidental do *Conventus Bracaraugustanus*". Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho, 2015. (Preparada e defendida no Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho).
- Borges, Airan dos Santos. "A Paisagem Imperial em Cidades da Lusitânia: Um Estudo sobre as Formas de Integração da Elite Provincial entre os Séculos II a. C. e III d. C.". Tese de Doutoramento, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016. (Após estágio de pesquisa com duração de um ano na Universidade de Lisboa, sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Jorge Fabião).

## Para uma história da Epigrafia

- Étienne, Robert, Georges Fabre, Lévêque, Pierre e Lévêque, Monique. *Fouilles de Conimbriga*. Vol. 2, *Épigraphie et Sculpture*. Paris: De Boccard, 1976.
- Étienne, Robert. "Le Centre Pierre Paris (ERA 522) et la Révision des Inscriptions Grecques et Latines de la Péninsule Ibérique". *Conimbriga* 16 (1977): 83-88.

- Encarnação, José d'. *Sociedade Romana e Epigrafia*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia, 1979.
- Arias Vilas, Felipe, Patrick Le Roux, e Alain Tranoy. *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo (=IRPL)*. Paris: Diffusion De Boccard, 1979.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia: Contributo para o Estudo da Romanização". *Trebaruna* 1 (1981): 47-49.
- Encarnação, José d'. "O Ensino da Epigrafia em Portugal". *Munda* 3 (Maio 1982): 23-26.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia". *Arqueologia* 7 (Junho 1983) (ficha extra-texto).
- Encarnação, José d'. "Pinho Brandão, Epigrafista". In "Colectânea de Estudos de Homenagem a D. Domingos de Pinho Brandão". Edição Especial, *Lucerna* (1984): 203-211.
- Le Roux, Patrick. "Émile Hübner ou le Métier d'Épigraphiste". In *Épigraphie Hispanique: Problèmes de Méthode et d'Édition*, editado por Robert Étienne, 17-31. Paris: E. De Boccard, 1984.
- Encarnação, José d'. "L'Épigraphie au Portugal". In *Épigraphie Hispanique: Problèmes de Méthode et d'Édition*, editado por Robert Étienne, 353-354. Paris: E. De Boccard, 1984.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia, uma Leitura Diferente". *Munda* 7 (Maio 1984): 31-35.
- Fabre, Georges, Marc Mayer e Isabel Rodà. *Inscriptions Romaines de Catalogne (= IRC)*. Vol. 1, *Barcelone (sauf Barcino)*. Vol. 2, *Lérida*. Vol. 3, *Gerone*. Vol. 4, *Barcino*. Vol. 5, *Suppléments aux Volumes I-IV et Instrumentum Inscriptum*. Paris: E. De Boccard, 1985-2002.
- Encarnação, José d'. "Ficheiro Epigráfico: Uma Experiência em Curso em Portugal". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 27 (1988): 245-247
- Encarnação, José d'. "Epigrafia em Portugal, Ciência Antiga, Rumos Novos". *Arqueologia* 17 (Junho 1988): 204-207. <http://hdl.handle.net/10316/26253> (inserido no livro *Epigrafia: As Pedras que Falam*, 44-54).
- Encarnação, José d'. "Arqueologia e Epigrafia: Uma Complementaridade a potenciar". *Trabalhos de Antropologia e Etnologia* 33, no. 1-2 (1993): 313-327. <http://hdl.handle.net/10316/28710>



- Encarnação, José d' e Catarina Cunha Leal. "Technique et Métiers dans l'Épigraphie Romaine de l'Occident Hispanique". In *L'Africa Romana*. Vol. 11, *Atti dell'XI Convegno di Studio*, editado por Mustapha Khanoussi, Paola Ruggeri e Cinzia Vismara, 175-181. Ozieri: Editrice Il Torchietto, 1996. <http://hdl.handle.net/10316/22777>
- Encarnação, José d'. "La Contribution de l'Épigraphie à l'Étude des Divinités Indigènes dans la Péninsule Ibérique", in "L'Afrique, la Gaule, la Religion à l'Époque Romaine: Mélanges à la Mémoire de Marcel Le Glay", *Latomus: Revue d'Études Latines* 226 (1994): 551-559, editado por Yann Le Bohec.
- Encarnação, José d'. *Roteiro Epigráfico Romano de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais, 1994, 22001.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia Romana em Portugal: Balanço e Perspectivas da Investigação". In *Portogallo e Italia: dialogo tra culture*, editado por Maurizio Fabbri, 71-86. Bolonha: n.p., 1996.
- Encarnação, José d'. "A Epígrafe Latina como Elemento Didáctico". *Boletim de Estudos Clássicos* 25 (Junho de 1996): 48-52. [Início de uma série, primeiro semestral e depois anual, devido à periodicidade do Boletim, e que vai no nº XXXV (Boletim nº 60, 2015)].
- Encarnação, José d'. "Epigrafia Latina e História Romana". *Phoênix* 2 (1996): 101-108.
- Encarnação, José d'. "Sobre a Menção de Profissões em Epigrafia". *Munda* 33 (Maio 1997): 19-23.
- Encarnação, José d'. "La Recherche sur l'Épigraphie Romaine au Portugal". In *Actes du Xe Congrès International d'Épigraphie Grecque et Latine*, editado por Michel Christol e Olivier Masson, 461-472. Paris: Publications de la Sorbonne, 1997.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia e Território". *Espacio, Tiempo y Forma*, 2ª série, 10 (1997): 79-89. <http://hdl.handle.net/10316/25528>
- Encarnação, José d'. "Epigrafia e História de Roma". *Máthesis* 6 (1997): 33-39.
- Encarnação, José d'. *Estudos sobre Epigrafia*. Coimbra: Edições Minerva, 1998.
- Encarnação, José d'. "O Ensino da Epigrafia". *Arqueologia e História* 51 (1999): 197-203.

- Encarnação, José d'. "Abade de Baçal, Epigrafista". In *Actas do Colóquio O Abade de Baçal*, coordenado por João Manuel Neto Jacob, 17-23. Bragança: Museu do Abade de Baçal, 1999.
- Encarnação, José d'. "Epigrafia: Leituras Novas de um Livro Eterno". In *As Oficinas da História*, coordenado por José d'Encarnação, 99-102. Coimbra: Edições Colibri, 2002.
- Encarnação, José d'. "André de Resende, Epigrafista". In *Cataldo & André de Resende: Congresso Internacional do Humanismo Português*, 305-310. Lisboa: Centro de Estudos Clássicos, 2002.
- Encarnação, José d'. "Muros Velhos, Eloquentes Letras...". In *Quarto Encontro de Arqueologia Urbana*, 187-193. Amadora: Câmara Municipal de Amadora, 2003.
- Encarnação, José d'. "Bandeira Ferreira, um Labor de Epigrafista". *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 122ª série, no. 1-12 (jan/dez 2004): 111-120. <http://hdl.handle.net/10316/15880>
- Hernando Sobrino, María del Rosário. *Epigrafia Romana de Ávila (=ERAv)*. Bordeaux: Ausonius Éditions, 2005.
- Encarnação, José d'. "D. Fernando de Almeida, o Mestre, o Epigrafista". *Eburobriga 3* (Primavera/Verão 2005): 35-39.
- Encarnação, José d'. *Epigrafia: As Pedras que Falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006, 2010.
- Encarnação, José d'. "L'Épigraphie au Portugal – Enseignement: La Bataille et la Guerre". In *Acta XII Congressus Internationalis Epigraphiae Graecae et Latinae*, editado por Marc Mayer I Olivé, Giulia Baratta e Alejandra Guzmán Almagro, 363-364. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2007.
- Encarnação, José d'. "A Disciplina de Epigrafia na Faculdade de Letras de Coimbra". *Biblos*, nova série, 9 (2011): 109-123. <http://hdl.handle.net/10316/18325>
- Encarnação, José d'. "A 'Escola Alemã' e os Estudos de Epigrafia Romana em Portugal". In *Miscelânea de Estudos em Homenagem a Maria Manuela Gouveia Delille*, coordenado por Maria Teresa Delgado Mingocho, Maria de Fátima Gil e Maria Esmeralda Castendo, 869-884. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011. <http://hdl.handle.net/10316/15398>
- Encarnação, José d' e Ana Isabel de Sá Caessa. "Epigrafia de Olisipo: 66 Anos Depois!" In *L'Officina Epigrafica Romana: 'n ricordo di Giancarlo*



*Susini*, editado por Ângela Donati e Gabriella Poma, 403-420. Faenza: Fratelli Lega Editori, 2012. <http://hdl.handle.net/10316/20019>

- Encarnação, José d'. "Da Epigrafia como Ciência". *Antrope* 1 (dezembro de 2014): 144-159. <http://hdl.handle.net/10316/28145> (versão inglesa: 160-170).

## O estudo de uma inscrição inédita

### O estudo<sup>15</sup>



FIGURA 1- ESTELA FUNERÁRIA DE ATELLIVS CLEMES (OURIQUE – CONVENTUS PACENSIS)  
FONTE: Elaborada pelo autor

<sup>15</sup>Foi publicado na revista *Ficheiro Epigráfico* nº 134, 2016, inscrição nº 559.

Estela funerária romana de grauvaque bege acinzentado, proveniente da Horta do Vale, freguesia da Conceição, concelho de Ourique. Esteve no Museu da Lucerna, em Castro Verde, onde a estudámos; vai ser depositada no Centro de Arqueologia Caetano de Mello Beirão, em Ourique.

Dimensões: 58 x 42 x 10 cm.

D(is) MA(nibus) S(acrum) / ATELLIVS / CLEMES / TANGINA

Consagrado aos deuses Manes. Atélio Clemente, *Tangina*.

Altura das letras: c. 6 cm. Espaços entre as linhas de pauta: 6/6,5 cm.

A inscrição foi gravada num campo epigráfico alisado, sem ter havido, porém, por parte do lapicida, preocupação em alindar o resto do suporte, que, embora se apresente vagamente rectangular, mantém as suas irregularidades formais. Houve, contudo, o cuidado – frequente, aliás, em monumentos epigráficos da região, como que dando continuidade ao que se observa nas estelas epigrafadas da II Idade do Ferro com a chamada «escrita do Sudoeste» – de se traçarem prévias linhas de pauta (cinco ao todo) para facilitar a paginação e dar graciosidade ao conjunto.

Paginação a obedecer, na l. 1, a um eixo de simetria; nas linhas seguintes, alinhamento à esquerda. Gravação cuidada, com goiva (atendendo ao sulco arredondado dos caracteres), regular, geometricamente conseguida.

Na l. 1, do D inicial subsiste o arranque inferior da barra vertical e do seu traço arredondado; do M, que é largo, a fractura levou apenas o primeiro vértice superior e o pequeno traço horizontal pegado à última perna justifica que se interprete como nexo MA; o S mais se adivinha do que se vê, sendo possível, com determinada iluminação, ter até a sensação de se distinguir o seu traçado.

Na l. 2, A simétrico, com travessão horizontal um tudo-nada acima de linha média; T de barra breve e levemente oblíquo para cima, como o são também, de resto, as barras dos EE e a dos LL seguintes; o V não é simétrico: a haste esquerda oblíqua bastante para trás; o S final, de traçado simétrico sofreu os efeitos da erosão, mas distingue-se bem.

Al. 3 não oferece dificuldade de leitura. Registe-se apenas o C ovalado.

Na l. 4, que denota um *ductus* lançado para diante, o A não tem travessão, sendo de sublinhar o paralelismo bem patente nos traços do A e



do N, a demonstrar o requinte posto na gravação; o G tem perna vertical muito curta; o travessão oblíquo no interior do N (de que falta o trecho superior esquerdo) evidencia a presença do nexu AN.

Quer a consulta a HEpOL<sup>16</sup> quer ao livro de Abascal<sup>17</sup> nos dão conta de que o nome *Atellius* não estava presente, até este momento, na epigrafia da Lusitânia. Dos 15 testemunhos atestados, há sete em Cartagena (mais um também na zona de Múrcia), seis em Granada<sup>18</sup> e um em Valência. A maior parte identifica cidadãos romanos, mas também há libertos, dos quais poderemos destacar o nome de *Cn. Atellius Bulio* gravado num lingote de chumbo, ligado, portanto, à mineração.<sup>19</sup>

*Clemes* está por *Clemens*, não sendo rara a síncope do n antes do s, no caso do sufixo *-ens*<sup>20</sup>. Em HEpOL registam-se sete testemunhos dessa ocorrência. Aliás, Kajanto<sup>21</sup> refere-se-lhe escrevendo sempre *Cleme(n)s*, tão costumeira é essa síncope. No *Atlas* antroponímico da Lusitânia,<sup>22</sup> mencionam-se 18 ocorrências deste *cognomen*, que é latino e de que Kajanto nota a grande frequência do uso (mais de 500 casos no conjunto do *CIL*!) entre os cognomes referentes a qualidades mentais.

*Tanginus* é nome típico da área lusitana: mais de uma centena de testemunhos!<sup>23</sup> Abascal, na estatística que apresentou<sup>24</sup>, indica-o em 15º lugar, sendo o 2º dentre os nomes indígenas mais frequentes (o 1º é *Ambatus*, o 3º *Boutius*). Cremos que *Tangina* não é mais uma defunta, mas sim a dedicante. A ausência de uma fórmula final – do tipo *F(aciendum) C(uravit)* – pode ter duas justificações: a falta de espaço ou o incipiente conhecimento das regras habituais.

Datável da 1ª metade do século I – pela estrutura textual simples, pelo modo de identificação dos personagens (apesar da falta do *praenomen* na identificação do defunto) e pela paleografia – esta epígrafe

<sup>16</sup> "Hispania Epigraphica Online Database". <http://eda-bea.es/>

<sup>17</sup> Juan Manuel Abascal Palazón, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 86.

<sup>18</sup> Sobre os *Atellii* de Granada opinam Maurício Pastor Muñoz e Angela Mendoza Eguaras (*Inscripciones Latinas de Granada*, 56) que "fueron los primeros de esta familia, que luego se extenderían por algunas otras regiones de Hispania, como Gandía, Múrcia o Cartagena" – a que ora, por conseguinte, se acrescenta Castro Verde.

<sup>19</sup> Claude Domergue, *Les Mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*, 254, nº 1006.

<sup>20</sup> Cf. *CIL* II, 1189.

<sup>21</sup> Iiro Kajanto, *The Latin Cognomina*, 66, 68 e 263.

<sup>22</sup> Milagros Navarro Caballero e José Luis Ramírez Sádaba, coord., *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, 146, mapa 94. Por lapso, aí se insere ILER 5125, que traz o *Clementinus* repetido adiante no seu devido lugar.

<sup>23</sup> *Ibid.*, 313-316, mapa 289.

<sup>24</sup> Juan Manuel Abascal Palazón, *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*, Múrcia, 30-31.

documenta, na sua singeleza, a aculturação: *Clemes* veio, mui provavelmente, da Bética ou é descendente de imigrantes vindos de lá e a dedicante é uma indígena.

MANUEL MAIA & JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

## Os comentários

### – O título

Tal como numa notícia de jornal, o título escolhido quer-se apelativo e deve conter os elementos fundamentais para que, de imediato, se compreenda de que se vai tratar. Assim, neste caso, caracterizou-se logo o tipo de monumento (estela funerária); indicou-se o que a distingue, ou seja, *Atellius Clemes*, a identificação do defunto. Acrescentaram-se dois dados: a divisão administrativa actual em que foi localizada (Ourique) e a divisão administrativa romana (*Conventus Pacensis*).

### – A descrição

O propósito a que importa obedecer é o seguinte: que, através dos elementos que fornecemos, o monumento possa ser virtualmente reconstituído na sua totalidade, se desaparecer por completo no momento seguinte. Importante, o tipo de material: calcário, granito, mármore, xisto... explicitando-se, sempre que possível, os elementos, como a coloração, que possibilitem uma informação sobre o local donde esse material foi extraído. Importante, a caracterização do tipo de monumento: estela, placa, ara... porque nos ajuda a compreender o contexto para que foi pensado.

### – Local e circunstâncias do achamento

O espaço e o tempo são fundamentais em História; por isso, dar-se-á informação o mais rigorosa possível do local e das circunstâncias em que a epígrafe foi encontrada. Não se hesite em acrescentar pormenores à primeira vista dispensáveis, como é o caso da identificação do achador, da data em que o achado se deu...

### – Localização actual

A inscrição pode continuar no local onde foi encontrada ou dar entrada num museu ou numa outra instituição cultural. Explicitar-se-ão



esses dados, datando-os; e, se – no caso de um museu – lhe for atribuído um número de inventário, assinalar-se-á também esse elemento, para mais fácil identificação posterior.

### – Dimensões

São normalmente as dimensões máximas, em centímetros, pela ordem usual: altura x largura x espessura. Também convém indicar a altura das letras, linha por linha, e a dos espaços interlineares (que são sempre um a mais do que o número de linhas). Perguntar-se-á o porquê. Porque a epígrafe é para ser lida... onde? O modo como é feita a paginação proporciona-nos responder a essa pergunta, isto é, tornar explícito o contexto arqueológico para que foi originalmente pensada. Por isso falamos também de campo epigráfico, o espaço previamente preparado para receber o texto. Como Giancarlo Susini muito bem explicou, o encomendante vai à oficina do canteiro, escolhe o tipo de monumento e combina com o técnico qual o texto que quer ver gravado; o técnico (*ordinator*) organiza o espaço (pagina, como se faz nas publicações actuais) de acordo com os objectivos que lhe foram fixados.

### – A leitura

Costumo acrescentar «leitura interpretada», porque, em meu entender, apresentando-se uma boa fotografia – já falaremos disso –, não vale a pena reproduzir o que se lê: interessa logo desdobrar as siglas e as abreviaturas (inserindo em parêntesis curvos e em itálico o que se subentende) e preencher as lacunas (que habitualmente se põem dentro de parêntesis rectos).

Convém esclarecer que há vários modos – ia a escrever «escolas» – de apresentar a leitura, todos eles defensáveis, desde que obedçam a regras claras e constantes e facilmente se compreenda qual a opção de leitura tomada pelo epigrafista. Em Coimbra, preferimos (note-se que escrevi «preferimos») indicar em maiúsculas as letras como estão na pedra e fazer uma leitura seguida, indicando a separação das linhas por uma barra oblíqua. Poupa-se espaço e, insisto, como há a fotografia ou o desenho, facilmente se fica com uma ideia do que está na «pedra».

Aponta-se, de ordinário, uma bateria de «sinais diacríticos», isto é, aquelas convenções que permitem, de imediato, saber se a letra foi reconstituída e dela nada havia na «pedra» a não ser o espaço para ela



ou o lapicida a esqueceu; se apenas se enxerga um traço e não a letra na totalidade; ou se há dúvida de interpretação. Da minha parte, opto cada vez mais pela simplificação: como, de seguida, há que explicitar como as letras se mostram linha a linha, não se me afigura necessário usar artifícios, nem sempre graficamente fáceis de adoptar. Tem-se dúvida? – Põe-se um ponto de interrogação! Não se sabe que letra estaria ali? – Põem-se reticências entre parêntesis recto.

### – A tradução

Optou a escola de Coimbra por apresentar, sempre que possível, a tradução. Na verdade, nem toda a gente compreende a língua latina e, por outro lado, a maioria das pessoas nada sabem (ou muito pouco) de Epigrafia, de modo que pôr a tradução é excelente forma de tornar acessível o que, em princípio, oferece alguma dificuldade. E propuseram-se duas regras: a primeira, usar uma linguagem epigráfica também na tradução; a segunda, traduzir para vernáculo os antropónimos latinos, pois, de facto, a grande parte, se não a totalidade, tem equivalente na língua portuguesa.

Exemplifico o que quero significar com «linguagem epigráfica»:

– *hic situs est* tem equivalente em português: «aqui jaz»; por conseguinte, use-se o «aqui jaz»!

– de um modo geral, quando termina por *faciendum curavit* a inscrição não explicita o que é que se 'mandou fazer', pois se subentende que é a própria inscrição e, inclusive, o próprio sepulcro; ora, se se subentende em latim, por que razão se há-de explicitar em português, acrescentando algo como «este sepulcro»?

### – Os comentários

Há o comentário sobre o modo como foi feita a paginação e como se apresentam os caracteres. Chama-se a este último o comentário «paleográfico». Não é que a paleografia seja um critério rigoroso de datação da epígrafe, mas há hábitos de escrever que variam ao longo dos séculos, como nos manuais de Epigrafia se explica; por conseguinte, vale a pena indicar se estamos perante capitais quadradas, monumentais, actuárias (a denunciar maior leveza no traçado) ou cursivas.

Como o exemplo citado documenta, o que, de seguida, interessa verificar é a identificação de paralelos para o texto que está a ser



estudado: esses antropónimos são frequentes (na província, na Hispânia, no Império...)? Se for um ex-voto, trata-se de uma manifestação religiosa isolada ou pode enquadrar-se num conjunto mais vasto e significativo? Enfim, é aqui que se manifesta a capacidade do epigrafista de levantar questões. Disse bem: levantar questões! Não é obrigatório resolvê-las! O mais importante é mesmo saber colocá-las!

Verifique-se, no exemplo citado, apenas para ilustrar o que se acaba de dizer, que temos aqui um testemunho isolado, até ao momento, no conjunto da epigrafia da Lusitânia, da família (em latim, *gens*) *Atellia*. Isso levou-nos a procurar saber algo mais sobre o que se conhecia acerca dessa *gens* e o resultado afigurou-se-nos deveras interessante para uma zona caracterizada pela afluência, logo nos primórdios da época romana, de pessoas vindas de fora e ligadas à mineração, pois que em zona mineira se está. E não foi sem admiração que confirmámos a sua ligação a esse tipo de actividade.

Uma palavra ainda sobre a grafia *Clemes* em vez de *Clemens*. Como se viu, não optámos por ver aí um erro ou uma distracção do lapicida, atendendo a que há outros exemplos. Reafirme-se que os eventuais erros são também um elemento cultural a ter em conta. O 'erro' pode derivar de má compreensão da minuta, que ao *ordinator* foi apresentada, naturalmente, em cursiva e, na eventualidade, até em siglas e abrevia-turas; pode resultar de insuficientes conhecimentos ortográficos para passar a escrito palavras oralmente transmitidas;<sup>25</sup> pode ter sido mera distracção. E, nesses casos, porque não se corrigiram tais 'erros'? Pelo mesmo motivo que, na actualidade, há erros de distracção em cartazes de eventos e não se corrigem, porque ou já não há tempo ou sairia tudo muito mais dispendioso!

### – A datação

Escreveu-se, logo a princípio deste ensaio, que o objectivo de uma epígrafe é ser... imorredora! Compreende-se, pois, que, de um modo geral, as inscrições que dizem respeito à maioria das pessoas e os ex-votos a divindades não denunciem minimamente quando foram feitas. Reveja-se a simplicidade do epitáfio que nos está a servir de

<sup>25</sup>Creio que essa poderá ser uma das explicações mais viáveis para o facto de os teónimos indígenas apresentarem grafias diversas: *Arentius*, *Arantius*; *Endovellicus*, *Enobolicus*; *Ataegina*, *Adaegina*... Estamos perante nomes estranhos, em que se procuram latinizar sons do estrato linguístico pré-romano, e, por isso, não admira que o ouvido do lapicida a eles não esteja afeito.



exemplo: nem sequer a idade com que *Clemes* morreu ali foi exarada! E nós estamos hoje a falar dele e de *Tangina* (terá sido sua mãe, sua esposa, sua filha ou sua amante?...), como se os conhecêssemos desde sempre! Claro: uma epígrafe comemorativa, ou a homenagem solene a um personagem ilustre poderão estar datadas com o ano consular, porque se quer perpetuar a efeméride; mas esses casos não são frequentes. Por isso, o grande desafio que se coloca ao epigrafista é o de usar de todos os argumentos (a paleografia, o modo de identificação, o contexto arqueológico, os dados mais ou menos complexos do texto...) para propor uma datação. Sim: é uma proposta. Veja-se o que escrevemos: «Datável da 1ª metade do século I...». Não temos garantias, apenas uma hipótese de trabalho, atendendo aos elementos de que dispomos.

### – A fotografia

Evidentemente que preferiríamos apresentar sempre uma fotografia a preto e branco, porque mais fiel (os líquenes, amiúde, perturbam a leitura). Na actualidade, porém, o recurso às máquinas digitais trouxe a possibilidade de se fazerem, sem custo, inúmeras fotografias, de diferentes ângulos e escolher depois a melhor. Pensamos cada vez mais que os sulcos das letras das inscrições romanas eram originalmente pintados (acham-se, de vez em quando, vestígios dessa coloração); por consequência, desaparecida a tinta, a visibilidade das letras advém do efeito do claro-escuro, digamos assim, obtido por uma iluminação oblíqua, quer a epígrafe tenha sido gravada com goiva (e o sulco resulte, por isso, côncavo) ou com badame (e, nesse caso, o bisel realça a visibilidade).

Por vezes, porém, não há fotografia que valha e, por isso, abandonado já o processo de decalque por papel mata-borrão – papel que deixou, aliás, de ser fabricado, porque já se não usam canetas de tinta permanente – !..., outros estratagemas se estão a adoptar. O método bicromático foi um deles: 'pinta-se' a superfície epigrafada com alvaiade ou outro produto semelhante, não corrosivo, e procede-se depois, cuidadosamente, à remoção dessa camada superficial, a fim de apenas ficar o que se depositou nos sulcos da «pedra». Também se procuraram fazer moldes em material sintético, mormente para epígrafes de mais difícil interpretação. Uma sofisticada manipulação das fotografias digitais tiradas de diversos ângulos está a produzir resultados satisfatórios, embora nem sempre convincentes. Refiro-me ao processo «técnica de



«contraste 3 D\_Polychrome» que Hugo Pires está a aperfeiçoar e à utilização do 3 D – esse, sim, com resultados surpreendentes! –, que Manuel Ramírez Sánchez, professor na Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, já pôs em prática, por exemplo, em relação às epígrafes do Museo Nacional de Arte Romano, de Mérida, em que, através de uma aplicação, se torna possível analisar virtualmente um monumento de todos os ângulos. Este é, porém, um método útil para epígrafes que já se conheçam, porque, para os monumentos inéditos, a fotografia é útil, sim, mas o mais importante é a cuidadosa observação a olho nu (digamos assim) por parte do epigrafista.

## Conclusão

Entusiasmadas com o que haviam aprendido em Portugal e com as novas perspectivas que a introdução dos estudos epigráficos nas duas universidades do Rio de Janeiro – a UFRJ e a UNIRIO – haviam escancarado (passe a expressão) num domínio em que, até (ousou dizê-lo!) 1989,<sup>26</sup> os textos clássicos constituíam a fonte predominante, e praticamente exclusiva, de análise da História Antiga, Raquel de Moraes Soutelo Gomes e Airan dos Santos Borges desafiaram-me a traçar uma panorâmica dos estudos epigráficos em Portugal.

Idêntico entusiasmo tivera eu nos finais da década de 70 do século passado perante uma disciplina que, na verdade, tinha tanta informação a prestar que desmerecia o lugar de mera «ciência auxiliar» da História, estatuto menor que lhe conferia, quando muito, a possibilidade de ser leccionada num semestre (de três efectivos meses), o que não poderia – de jeito nenhum! – despertar nos estudantes alguma curiosidade por essas «pedras com letras» que enxameavam, de facto, o seu trajecto quotidiano (nos nomes das ruas, nas legendas dos monumentos, nas placas comemorativas...), mas a que se não atribuía uma importância maior.

Terei certamente exagerado no entusiasmo, que me levou a tanto escrever, ao longo destes 40 anos, sobre o que ousaria designar por «minha dama». Se exagerei de facto, peço desculpa; se, ao invés, logrei

---

<sup>26</sup>Tive ocasião de leccionar, como professor convidado, de 9 a 31 de Outubro de 1989, no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil), um Curso de Extensão Universitária sobre Epigrafia Romana.

manifestar quanto, afinal, essa excelsa «dama» merece o maior apreço – sinto-me compensado e agradeço a Raquel Gomes e a Airan Borges a oportunidade que me foi concedida.

José d'Encarnação

Cascais, 15 de julho de 2016

## Referências Bibliográficas

- Abascal Palazón, Juan Manuel. *Los Nombres Personales en las Inscripciones Latinas de Hispania*. Murcia: Universidad de Murcia, 1994.
- Arias Vilas, Felipe, Patrick Le Roux, e Alain Tranoy. *Inscriptions Romaines de la Province de Lugo (=IRPL)*. Paris: Diffusion De Boccard, 1979.
- Domergue, Claude. *Les Mines de la Péninsule Ibérique dans l'Antiquité Romaine*. Rome: École Française de Rome, 1990.
- Encarnação, José d'. "Da Epigrafia como Ciência". *Antrope* 1 (dezembro de 2014): 144-159. <http://hdl.handle.net/10316/28145> (versão inglesa: 160-170).
- Encarnação, José d'. *Divindades Indígenas sob o Domínio Romano em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1975.
- Encarnação, José d'. *Epigrafia: As Pedras que Falam*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 2006, 2010.
- Encarnação, José d'. *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis*. Coimbra: Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1984, 2013. <http://hdl.handle.net/10316/578>.
- Étienne, Robert. "Le Centre Pierre Paris (ERA 522) et la Révision des Inscriptions Grecques et Latines de la Péninsule Ibérique". *Conimbriga* 16 (1977): 83-88.
- Hernando Sobrino, María del Rosário. *Epigrafia Romana de Ávila (=ERAv)*. Bordeaux-Madrid: Ausonius Éditions, 2005.
- "Hispania Epigraphica Online Database". Última modificação 15 novembro, 2013. <http://eda-bea.es/>
- Hübner, Emilio. *corpus Inscriptionum Latinarum*. Vol. 2, *Inscriptiones Hispaniae Latinae*. Chico: Classical Micropublishing, Inc., 1869.
- Hübner, Emilio. *Ephemeris Epigraphica*. Vol. 8 e Vol. 9. Rome: Instituto Berolini, 1899 e 1913.
- Kajanto, Iiro. *The Latin Cognomina*. Roma: Giorgio Bretschneider Editore, 1982 (reimp.).
- Maia, Manuel e José d'Encarnação. "Estela Funerária de Atellius Clemes: (Ourique- Conventus Pacensis)". *Ficheiro Epigráfico* 134 (2016): nº 559.



Navarro Caballero, Milagros e José Luís Ramírez Sábada, coord., *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos, 2003.

Pastor Muñoz, Maurício e Angela Mendoza. *Inscripciones Latinas de Granada*. Granada: Universidad de Granada, 1987.

Susini, Giancarlo. *Epigrafia Romana*. Roma: Jouvence, 1982.

Susini, Giancarlo. *Il Lapidario Romano – Introduzione all'Epigrafia Latina*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 1966. (Inserido na recolha de textos do autor *Epigraphica Dilapidata*. Faenza: Fratelli Lega, 1997, 7-69).

Vives, José. *Inscripciones Latinas de la España Romana: Antología de 6.800 textos*. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1970-1971.

Presentes em espaços públicos e privados, as inscrições epigráficas compõem inúmeras *paisagens* no mundo antigo. Suas diversas tipologias trazem à tona o dinamismo das diferentes relações sociais, religiosas, econômicas e políticas que existiram naquele período. De fato, a relação entre História e Epigrafia mostra-se profícua, já que acrescenta ao diálogo uma pluralidade de vozes por vezes inaudíveis nos textos clássicos.

No estudo da Antiguidade Clássica não há uma distância absoluta entre historiadores e epigrafistas. De modo contrário, é no encontro dos diversos discursos que se amplia a compreensão das tramas sociais e se matiza a compreensão das vivências cotidianas. É exatamente nesse entremeio que o presente livro se situa. Organizado pelas historiadoras Airan Borges e Raquel Soutelo, a presente obra cumpre o objetivo de reunir historiadores, arqueólogos e epigrafistas brasileiros e portugueses que se dedicam ao estudo da Antiguidade a partir da interação entre essas ciências. Nesse sentido, tem-se, portanto, um duplo propósito: contribuir para a ampliação das pesquisas histórico-epigráficas no contexto nacional, assim como fortalecer as relações acadêmicas entre especialistas portugueses e brasileiros.

*Appris*  
Editora

